



COLÉGIO DE SÃO TOMÁS

GUIÃO DE VISITA DE ESTUDO  
*Palácio-Convento de Mafra*



## VISITA DE ESTUDO A MAFRA

### Programa:

8.30 horas – Encontro no Colégio

9. 00 horas - Partida para Mafra

10 horas – Entrada na Basílica – 8º C e 8º D

10.15 horas - Entrada no Palácio – 8º A

10.30 horas - Entrada no Palácio – 8º B

10.45 horas - Entrada no Palácio – 8º C

11 horas - Entrada no Palácio – 8º D

11.30 horas - Entrada na Basílica – 8º A e 8º B

12.00 horas – Trabalho de Artes

13.00 horas – Partida de Mafra para a Tapada

### ALMOÇO

14.30 horas – Visita à Falcoaria

15.00 horas – Visita à Tapada

16.00 horas – Regresso ao Colégio

17.00 horas – Chegada ao Colégio

## OBJECTIVOS GERAIS:

- Consolidar conhecimentos
- Compreender a importância das diversas disciplinas para a compreensão de um monumento histórico
- Incentivar o apreço pelo património cultural
- Desenvolver o sentimento de defesa e preservação do património
- Promover o gosto pelas visitas a monumentos históricos
- Enquadrar os acontecimentos no espaço em que decorreram
- Desenvolver capacidades de observação e interpretação
- Incentivar o apreço pelo património natural do nosso país

## OBJECTIVOS ESPECÍFICOS:

- Compreender as motivações de D. João V quando decidiu a construção do Palácio-Convento de Mafra
- Integrar a construção do Palácio-Convento de Mafra na política religiosa e cultural de D. João V
- Reconhecer as características específicas da Arte Barroca
- Relacionar o esplendor da Arte Barroca com o Regime Absoluto

No dia 6 de junho de 1708 chega a Viena Fernão Teles da Silva, 3º Conde de Vilar Maior, embaixador de D. João V para pedir a mão da Sereníssima Arquiduquesa D. Maria Ana Josefa Antónia de Áustria, filha do Imperador Leopoldo I (1640-1705). A 9 de julho celebra-se o casamento, por procuração, na Catedral de Santo Estêvão, sendo o noivo representado pelo Imperador.

A 27 de outubro, D. Maria Ana chega a Lisboa numa armada de 14 naus, comandada pelo Conde de Vilar Maior.

A Rainha foi trazida à Corte em sete magníficos coches, quando o protocolo só pedia três. Nos dias 15, 17 e 21, comemorou-se o casamento com grandes festejos públicos no Terreiro do Paço, onde se montou uma praça de touros e uma imitação do vulcão Etna em erupção. O casal real fez a sua entrada solene em Lisboa no dia 22.

Vamos ler o texto de Gentil Marques que nos conta a história dos primeiros anos de casamento de D. João V e D. Maria Ana de Áustria:

«Pois conta a História de Portugal que el-rei D. João V, nos seus primeiros tempos de casado, vivia em profunda e estranha melancolia.

Certo dia, a rainha sua esposa foi encontrá-lo na varanda larga do palácio, embrenhado em pensamentos que lhe ensombravam o rosto. E perguntou, a meia voz:

— Senhor, que mágoa sofreis em silêncio?

Surpreendido, el-rei tentou disfarçar.

— Negócios de Estado, Senhora...

Mas logo ela contrapôs, num meio sorriso de humildade:

— Não me deveis enganar... Lembrai-vos de que sou vossa esposa...

El-rei suspirou. E retorquiu com voz mal segura:

— E não vos engano. Disse-vos e repito-vos: são negócios de Estado.

Houve um breve silêncio. Depois, a rainha insistiu:

— Perdoai, Senhor... Mas a névoa que vejo no vosso olhar faz-me crer que não se trata de política...

D. João V olhou-a e reconheceu, esboçando um leve sorriso:

— Sois perspicaz. Podeis ler sempre assim no meu íntimo?

Foi a vez do semblante da rainha se abrir num sorriso.

— Penso que sim. Porque, afinal, Senhor, os vossos cuidados devem ser gémeos dos meus.

— Que cuidais então que seja o que me entristece?

A pergunta saiu num grito de alma. E a resposta não foi menos sincera:

— Digo-vos, Senhor, que é a falta de um filho que vos traz abatido e taciturno. E tendes razão para isso.

Calou-se a rainha por instantes a ganhar coragem para continuar.

— Sim, tendes razão... Talvez a mim me caiba a culpa maior de tudo isso!

Mas o rei logo protestou:

— Não!... Pelo amor de Deus, não penseis tal!... A culpa é minha e só minha!

Ergueu os olhos ao céu, numa interrogação e numa súplica.

— Não sei porque razão Deus me castiga assim!... Um rei sem filhos é uma árvore sem frutos!

Ambos se entreolharam em silêncio. Foi ela a primeira a falar.

— Que havemos nós de fazer, Real Senhor?

D. João V abanou a cabeça, lentamente. Abatido. Desanimado.

— Bem me podeis perguntar, Senhora, que não vos sei responder. Só Deus nos poderá indicar o caminho!

E a rainha tornou:

— Pois vou pedir a Deus, mais uma vez, que nos conceda tal mercê!

A rainha foi recolher-se na capela do paço, a rezar fervorosamente as suas orações. Todas com a mesma intenção. Todas elas rogando o mesmo favor. E foi então — diz a lenda — que ela escutou junto de si uma voz velada e lenta, dizendo:

— Se vós quiserdes, Senhora, el-rei poderá ter um filho.

Emocionada, trémula, a rainha murmurou:

— Meu Deus, será possível? Será a Vossa própria Voz que eu escuto, meu Deus?...

E logo alguém retificou, num tom de humilde reverência:

— Não é a voz de Deus, não!... É somente a voz de um dos vossos fiéis servidores.

A rainha voltou-se, surpresa.

— Ah, sois vós Frei António!... Imaginai que cheguei a supor tratar-se de um milagre... que Deus descia até mim para me aconselhar...

O frade inclinou-se suavemente. E suavemente ajuntou:

— Senhora, às vezes Deus fala pela boca dos seus sacerdotes.

A rainha olhou o frade. Intrigada. Confusa.

— Que pretendeis dizer com isso?

Frei António de São José limitou-se a sorrir, antes de responder:

— O mesmo que vos disse há pouco.

E acentuando bem as palavras, repetiu:

— Se vós quiserdes, el-rei poderá ter um filho.

A rainha ergueu-se num impulso.

— Mas eu quero, eu quero, com todas as veras do meu coração!

E acrescentou baixinho, como quem segreda, sufocada pela ansiedade:

— Que devo fazer? Dizei-me e assim farei!

No mesmo tom de voz, o frade esclareceu pausadamente.

— É bem simples, Senhora... Basta que el-rei faça a Nosso Senhor Jesus Cristo a promessa de construir um convento em Mafra, se Deus lhe fizer mercê de ter um filho varão.

E o frade concluiu, com voz segura e profética:

— E estou certo de que o fará!

A rainha não escondeu a sua perplexidade.

— Só isso, Frei António de São José? Só isso, nada mais?

— Só isso e nada mais, Real Senhora.

Ela abriu-se num sorriso. E declarou com decisão:

— Pois hoje mesmo direi a el-rei que faça essa promessa!

De facto, conforme diz a lenda, nessa mesma noite a rainha falou com D. João V acerca de tão extraordinário caso.

Ele não hesitou nem ao de leve.

— Oh, Senhora, estou pronto a fazer a promessa... Construirei em Mafra o mais belo e sumptuoso convento de Portugal!

E erguendo-se, e abrindo os braços, como que a desenhar mais largamente o seu próprio desejo, acentuou:

— Um convento que, em grandiosidade, nada fique a dever aos conventos de Roma!

Quase chorando de alegria, a rainha agarrou-lhe as mãos.

— Que alegria me dais, Real Senhor!... Sinto-me reanimada com a vossa promessa e com as palavras de Frei António de São José!... Que Deus vos oiça!... Volto a encher-me de esperança!

Enlaçando-a meigamente, el-rei confidenciou:

— Amanhã mesmo, ao romper da alva, falarei a Frei António de S. José. Conheço-o bem. É um dos mais inteligentes frades da Arrábida. Não me custa a acreditar que a sua fé consiga um milagre!

Na realidade, mal surgiram os primeiros alvares da manhã, já el-rei D. João V se encontrava a pé, depois de uma noite agitada pelos mais complexos pensamentos.

Logo mandou chamar Frei António de S. José, que não se fez esperar.

— Vossa Majestade dá licença?

— Entrai, entrai, Frei António!

E convidando-o a sentar-se, D. João V entrou imediatamente no assunto.

— Sua Majestade a rainha contou-me o que vós lhe dissestes... E eu estou pronto a fazer a promessa!

O rosto de Frei António não escondeu a satisfação que lhe inundava a alma.

— Decerto muita alegria dais a Deus neste momento, Real Senhor!

D. João também não escondeu os obstáculos que levantava a promessa feita.

— Sei que vou contra a vontade de muitos, pois deveis recordar que a ideia de construir um convento em Mafra já foi posta de parte várias vezes, em virtude de o tesouro estar demasiadamente onerado com outros conventos...

E erguendo a voz um pouco:

— Lembrais-vos do último despacho do desembargador do Paço, Frei António?

O frade concordou:

— Lembro-me, sim, Real Senhor, e por isso mesmo mais me alegro...

Inclinou-se para o monarca, e a sua voz ganhou mais força, maior convicção.

— Ides contra a vontade de muitos... mas ides a favor da vontade de Deus!

D. João V também se ergueu, dando por finda a breve conferência.

— Que assim seja, Frei António. Hoje mesmo deveis acompanhar-nos, a mim e à rainha, até Mafra, para escolhermos o terreno destinado ao convento.

E nesse mesmo dia, conforme reza a tradição, em Mafra, olhando o céu, el-rei D. João V, tendo a rainha e Frei António como testemunhas, fez a sua promessa sagrada:

— Senhor meu Deus Todo Poderoso!... A Vós suplico a mercê de fazerdes com que me nasça um filho, que possa continuar a dinastia de Portugal! E eu Vos prometo, Senhor meu Deus, solenemente, que no mesmo dia em que meu filho nascer aqui em Mafra se iniciará a construção do mais grandioso convento de Portugal!

Frei António de São José limitou-se a rematar com fervor.

— Ámen!

Desde esse dia, o rei e a rainha de Portugal viveram em constante sobressalto. Até que, certa manhã, a rainha deu a D. João a grande notícia.

— Senhor... Senhor meu rei e meu esposo... Sinto já o nosso filho a palpitar dentro de mim!

No auge da felicidade, D João V ergueu os olhos ao céu e exclamou:

— Louvado seja Deus!

Nove meses depois, bem contados, na expressão pitoresca do povo, a rainha de Portugal teve a sua hora pequenina. E nessa hora nasceu um príncipezinho que encheu de encantamento o coração de seu pai.

— Deus seja louvado!... Graças, graças, Senhor! Já tenho um filho!... E obrigado também a vós, Frei António de S. José!

Humilde e simples, o frade replicou:

— Nada tendes que me agradecer, Senhor. Apenas revigorei a vossa fé perdida. Deus, sim, Deus é que merece todas as vossas graças, pois que vos escutou.

E, sorrindo, ajuntou intencionalmente:

— Agora, resta-vos cumprir a promessa que fizestes...

D. João V sorriu também.

— Assim farei, Frei António!... E mais vos digo. Já combinei com a rainha: em sinal de gratidão por vós, Frei António de S. José, o príncipe de Portugal receberá o nome de José!

Cumprindo escrupulosamente a sua promessa — tal como nos garantem a História e a Lenda, entrelaçadas na tradição do povo — nesse mesmo dia, enquanto Portugal inteiro festejava ruidosamente o nascimento do herdeiro do trono, também em Mafra, por ordem de el-rei, se iniciavam com entusiasmo as obras para a construção do grandioso convento.

MARQUES, Gentil (1997) *Lendas de Portugal*, Lisboa, Círculo de Leitores, Volume IV, pp. 67-71

A 4 de dezembro de 1711, nascia a Infanta D. Maria Bárbara, futura rainha de Espanha, e três anos mais tarde, o Infante D. José, futuro rei de Portugal. Estava assegurada a sucessão que tanto preocupava D. João V e o rei empenhou-se no cumprimento da promessa.

A 17 de novembro de 1717 procedeu-se com grande aparato real e religioso ao lançamento da 1ª pedra de um convento dedicado a Nossa Senhora e a Santo António. Destinava-se à Ordem dos Frades Arrábidos.

O convento destinava-se, originalmente, a albergar 13 frades franciscanos, mas os desejos de grandeza de D. João V - «...eu Vos prometo, Senhor meu Deus, solenemente, que no mesmo dia em que meu filho nascer aqui em Mafra se iniciará a construção do mais grandioso convento de Portugal!» -, a riqueza e o fausto que Portugal vivia, devido ao ouro do Brasil, levaram João Frederico Ludovice, o arquiteto contratado pelo rei, a fazer sucessivas alterações ao projeto.

O trabalho do arquiteto João Frederico Ludovice é completado com o de grandes mestres nacionais, como os escultores José de Almeida e Manuel Dias, o pintor Francisco Vieira Lusitano e o Arquiteto Eugénio dos Santos

O projeto final acabou por integrar uma basílica, um convento para abrigar 330 frades, um palácio real e umas das mais belas bibliotecas da Europa, decorada com mármore preciosos, madeiras exóticas e incontáveis obras de arte.

Os trabalhadores – que chegaram a atingir 45.000 operários e 7.500 soldados - acomodaram-se em casas de madeira que se construíram e foram abatidas depois da obra concluída, numa área superior ao Terreiro do Paço.

Da enorme massa de trabalhadores envolvida, muito adoeceram e morreram, tendo D. João V determinado que às famílias de cada um dos mortos se desse uma esmola de 3 mil réis, um hábito para ser amortalhado, uma cova e cinco missas por alma

Em 22 de Outubro de 1730, dia do 41º aniversário do rei, e estando apenas concluída a Basílica, pois a construção do Monumento só terminou em 1744, procedeu-se à Sagração da Basílica, tendo sido consagrada a Nossa Senhora e a Santo António.

Foi servido, na ocasião, um banquete popular a 9 000 pessoas. As festas acabariam por se estender por mais 7 dias, ao som das melodias dos dois enormes carrilhões mandados vir expressamente de Antuérpia.

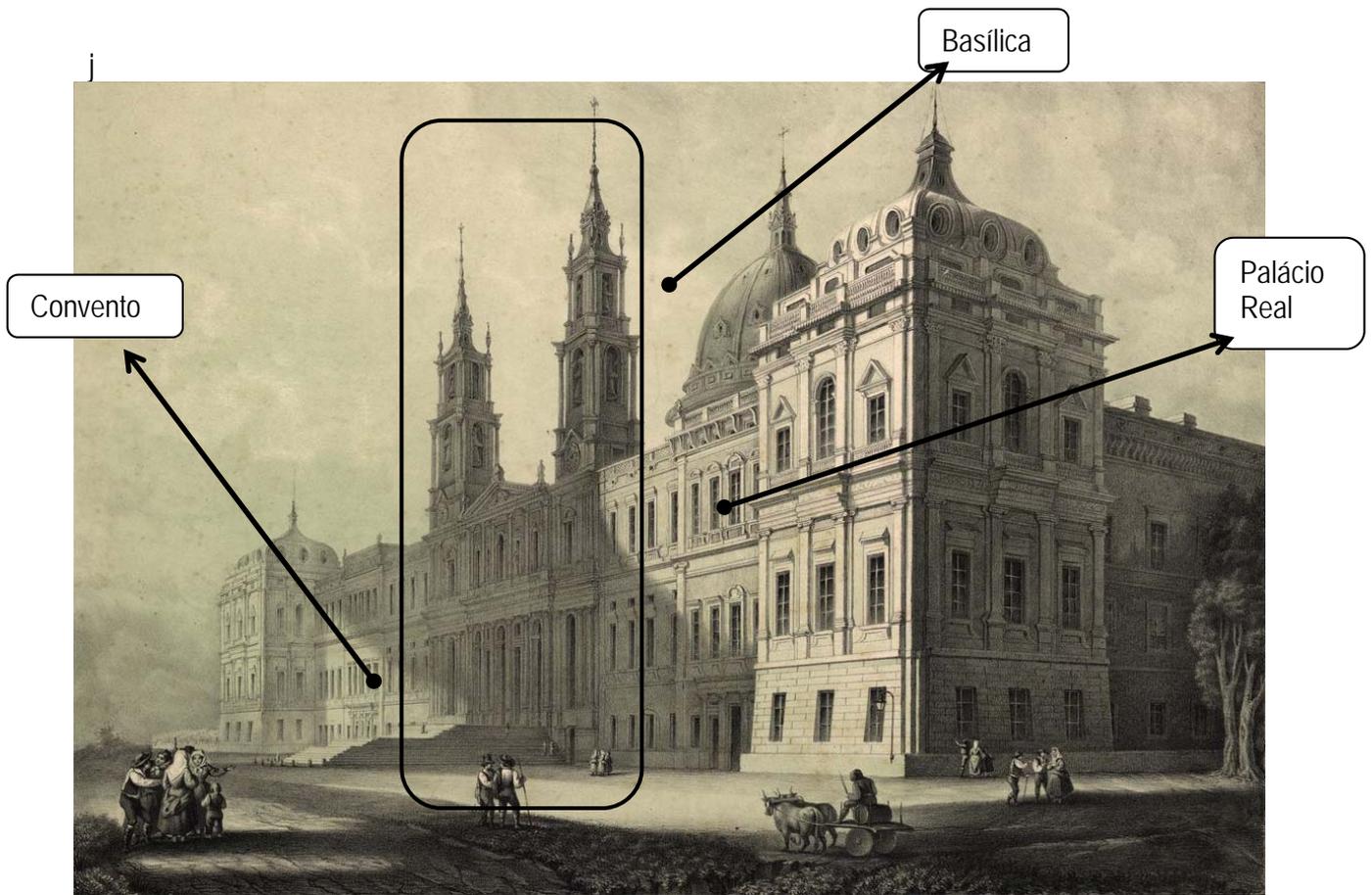
No dia da inauguração tocaram os seis órgãos da Basílica e os sinos dos dois carrilhões, com um total de 92 sinos que pesam mais de 200 toneladas e são considerados os maiores e melhores do mundo.

O Palácio- Convento de Mafra ocupa uma área de 40.000 m<sup>2</sup>, o equivalente a quatro campos de futebol, e apresenta uma fachada de 200 metros de comprimento.

O Monumento de Mafra foi construído em estilo barroco e compõem-se de Basílica, Convento e Palácio.

João Frederico Ludovice



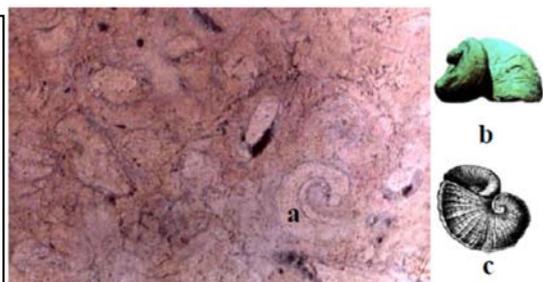


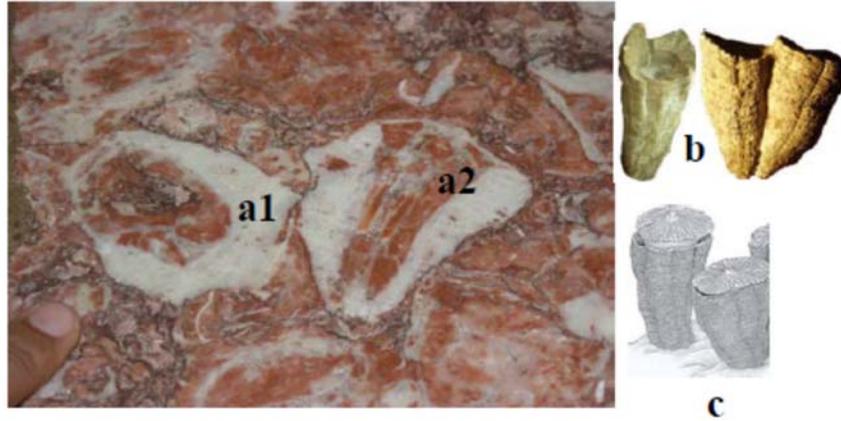
Na sua construção foram utilizados materiais diversos, nomeadamente uma grande variedade de rochas, as quais se conjugam para decorar quer as paredes quer o chão deste conjunto (Calcário Negro de Mem Martins, Liós de várias tonalidades, «Calcário Fétido» de S. Pedro e ainda Calcário Amarelo de Negrais.

A cor dos diferentes calcários é uma característica marcante nas diferentes rochas observáveis, dando-nos informações relativamente ao ambiente de deposição dos sedimentos que lhes deram origem. Assim, o calcário claro com Rudistas indica um ambiente aquático, oxidante, de pequena profundidade e forte energia hidrodinâmica. O calcário rosa com Rudistas continua a indicar um ambiente aquático, oxidante, refletindo a presença de óxidos de ferro. Por sua vez o calcário negro de Mem Martins (o qual, pela sua cor, poderia ser confundido com basalto – rocha vulcânica), indica um ambiente de mar profundo, não oxigenado, no qual a matéria orgânica acabava por incorporar o próprio sedimento.

**Calcário com Rudistas Caprinídeos**

- a - secção de um fóssil destes paleorganismos
- b – Fóssil tridimensional por Mineralização de um Caprinídeo
- c – Reconstituição de Caprinídeo





Calcário com Rudistas Radiolítídeos

a1 – secção transversal («rodela de ananás»); a2 - secção longitudinal

b – Fósseis tridimensionais de Mineralizações de Radiolítídeos

c – Reconstituição de Radiolítídeos em posição de vida



1

As figuras anteriores mostram mineralizações de Rudistas. Estes são um grupo extinto de organismos marinhos, contemporâneos dos dinossáurios. Eram organismos bentónicos (viviam sobre o substrato, cimentados a este ou não). Possuíam uma concha da parede espessa (viviam em ambientes marinhos de alta energia), de forma cónica e estrutura interna compacta (Radiolítídeos) ou de forma geralmente enrolada e estrutura interna alveolar (Caprinídeos). Os Rudistas eram organismos coloniais – viviam em associações recifais bioedificadas, à semelhança dos edifícios recifais construídos pelos atuais Corais.

O conjunto é envolvido pela Tapada Real, de uma rara beleza natural, parte queimada recentemente por fogo devastador, e pelo Jardim do Cerco.

<sup>1</sup> Associação de Rudistas (Cretácico superior, Oman  
<http://www.ruhr-uni-bochum.de/sediment/rudinet/images/>

# BASÍLICA



Elemento fundamental deste monumento é a Basílica, toda em mármore policromado da região de Pêro Pinheiro e Sintra. Tem a forma de cruz latina, com três naves separadas por pilstras coríntias. Ao centro, um zimbório com 65 metros de altura.

As estátuas existentes na fachada, na galilé<sup>2</sup> e no interior da Basílica são encomenda de D. João V a grandes mestres escultores italianos, tal como o baixo-relevo e o portão sobre a entrada da Basílica.

Os relevos das capelas datam do tempo de D. José I e foram executados na Escola de escultura de Mafra para substituir os primitivos retábulos pintados.

A invocação da Basílica é de Nossa Senhora e Santo António, representados no retábulo do Altar-Mor, da autoria de F. Trevisani.

---

<sup>2</sup> **Galilé** é uma construção arquitetónica, normalmente na entrada de um templo. Situa-se no exterior do edifício e é constituída por telhado ou cobertura, que protege a entrada da Igreja. Por vezes é decorada com arcos, estátuas, trabalho em ferro etc.

Todas as peças em bronze dourado (inicialmente recoberto a folha de ouro) são encomendas reais na Flandres.

Nesta basílica existe um conjunto de seis órgãos, único no mundo, que, com coro e solistas, solenizavam os ofícios divinos.

# CONVENTO

O Real Convento foi inicialmente habitado por franciscanos, da província da Arrábida, que foram substituídos, em 1771, pelos cónegos regrantes de Stº Agostinho que nele permaneceram cerca de 20 anos, tendo os franciscanos voltado a habitar o Convento até 1834.

Na altura das Invasões Francesas (1807-1814), ficaram, no Convento, apenas 20 frades franciscanos, tendo o Palácio sido ocupado pelas tropas de Junot em 1807 e um ano mais tarde pelo exército inglês que nele permaneceu até 1828.

A extinção das ordens religiosas, em 1834, obriga os franciscanos a abandonarem o Convento.

No **convento** podemos visitar «**As Casas da Enfermaria**», um conjunto composto pela Enfermaria, a Botica, a cozinha e a cela dos frades enfermeiros de serviço aos doentes.

A Botica destinava-se à preparação e armazenamento dos medicamentos e, aqui, podemos observar uma exposição dos instrumentos e utensílios utilizados para preparar os medicamentos feitos com as ervas (nomeadamente abóbora, erva-doce, hortelã, sementes de melão, etc.) provenientes da horta do convento.

Os doentes recebiam diariamente a visita do médico e do sangrador e, sobre a cama de cada um deles, afixava-se a receita para garantir o tratamento adequado. As camas estão colocadas de modo a que os doentes possam assistir à missa celebrada na capela da enfermaria. Por cima de cada cama está um painel de azulejo representando Cristo e aos pés outro representando Nossa Senhora.

Junto à capela temos o acesso ao «Campo Santo».

Junto às Casas da Enfermaria temos duas salas onde estão expostos objetos de arte sacra – ourivesaria, pintura, escultura e paramentos pertencentes à Basílica e ao Convento.

Na nossa visita vamos passar pela **Antecâmara do Salão dos Frades** e pelo **Salão dos Frades** onde podemos observar mobiliário que pertencia ao Convento.

# PALÁCIO

O Palácio Real, residência oficial dos monarcas durante o Verão, compreendia toda a fachada principal do monumento, à exceção da Basílica, abrangendo os dois torreões e ainda, ao nível do 3º piso, as frentes norte e sul e parte da nascente.

O 3º piso funcionava como andar nobre, ficando os aposentos reais, propriamente ditos, nos dois torreões. O do sul era tradicionalmente destinado aos reis e o do norte às rainhas.

Os restantes andares do palácio eram ocupados pelo pessoal da Casa Real, bem como pelas cozinhas, mantearias, ucharias, etc.

No andar nobre, a comunicação com os aposentos reais fazia-se através da imensa galeria principal, que se estende por toda a fachada principal do edifício. Também se podia usar as galerias das frentes norte e sul, uma sucessão interminável de salas e quartos destinados ao serviço do paço.

Considerado sempre como residência de Verão, o Palácio Real de Mafra apenas foi habitado permanentemente no reinado de D. João VI, período em que o Palácio atingiu o seu máximo esplendor, tendo os seus salões sido objeto de grandes beneficiações e diversas pinturas murais, apresentando-se ricamente atapetados e repletos de valioso mobiliário e outras preciosidades artísticas.

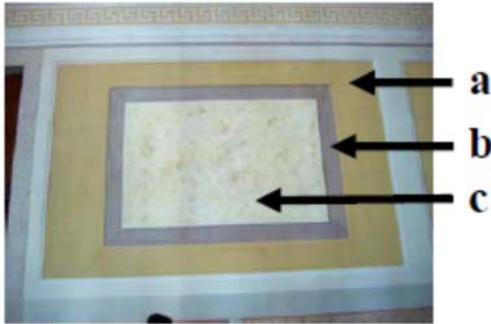
Por altura das invasões francesas a Família Real retirou-se para o Brasil, tendo levado consigo a maioria das coleções do Paço de Mafra.

Com a implantação da república, este Paço Real, onde passou a derradeira noite o último rei de Portugal, D. Manuel II, antes de partir para o exílio, passou a chamar-se Palácio Nacional.

O Palácio foi alvo de duas grandes campanhas decorativas: a primeira no reinado de D. João VI, rei que habitou o palácio durante um largo período, e onde se destaca a contratação de Cirilo Wolkmar Machado, e a segunda, no reinado de D. Pedro V, já em estilo romântico.

Entrando no palácio, deparamo-nos com a **Sala Diana** que deve o seu nome à pintura do teto – a deusa Diana acompanhada de ninfas e sátiros, obra do pintor Cirilo Wolkmar Machado. Na parede norte, uma porta entreaberta, pintada em trompe-l'oeil, representa Diana e Endimião, o pastor por quem a deusa se apaixonou.

Nesta sala podem-se observar imitações das várias litologias empregues na construção do Palácio-Convento, como Amarelo de Negrais, Azul de Sintra, Liós e Abancado.



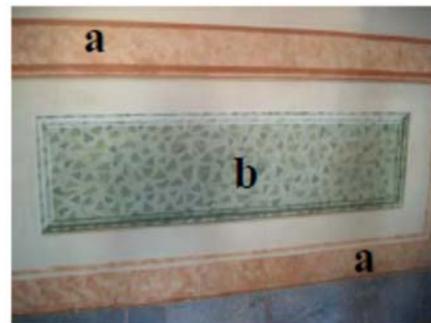
Pintura de fingimento representando várias litologias possíveis de observar no Palácio-Convento de Mafra:

- a - Amarelo de Negrais
- b - Azul de Sintra (Calcário fétido)
- c - Liós

É ainda possível observar a imitação de um tipo de rocha (uma brecha de elementos angulosos) não empregue na construção do Palácio-Convento de Mafra, nem nos monumentos construídos em Portugal, mas contudo frequente em algumas igrejas no estrangeiro, por exemplo, em Espanha (Barcelona) e em Itália.

Pintura de fingimento.

- a - Abancado.
- b - Brecha de elementos esverdeados.



Passamos à **Sala do Trono**, onde podemos observar a pintura do teto representando, uma alegoria à Lusitânia. As paredes são decoradas com alegorias das virtudes.

Continuando o nosso percurso chegamos ao **Oratório do Rei**, capela privada dos aposentos reais, decorado com uma pintura de Cirilo Wolkmar Machado, encomendada por D. João VI e D. Carlota Joaquina como voto de gratidão pelo nascimento da primeira filha, a Infanta D. Maria Teresa.

No torreão norte encontramos os **aposentos privados do rei**, usados até à morte de D. Fernando Saxe-Coburgo (1816-1885), marido de D. Maria I, ficando depois reservados a hóspedes importantes.

Deste conjunto constam o quarto de dormir, o quarto de vestir e a casa de banho. Nos dois primeiros, encontramos as paredes pintadas por António Januário Correia, que veio trabalhar para Mafra a convite de D. Fernando, durante as obras de remodelação por ocasião da subida ao trono de D. Pedro V, em 1855, e do seu casamento com D. Estefânia, em 1858.

Passamos agora à **Sala das Descobertas**: a pintura do teto, executada em finais do século XVIII, por Cirilo Wolkmar Machado, representa os feitos portugueses na Índia - «O retrato de D. Henrique aparece ali sustentado pela Fama. A Cosmografia sentada sobre o globo terrestre com a mão esquerda pega no compasso e com ele aponta para o mar da Índia que tanto desejavam descobrir. Doutra parte o gigante Adamastor com terrível aspeto ameaça Vasco da Gama que o descobriu em 1497. Todos sabem que Pedro Álvares Cabral, indo para a Índia foi lançado fora da sua rota pelas tempestades e descobriu casualmente o Brasil. Ele se vê neste painel como atônito e conduzidos pelos ventos. Cristóvão Colombo não é Português mas viveu

entre nós casou com uma portuguesa, ofereceu aos reis de Portugal os seus talentos os seus émulos o caluniaram de modo que o fizeram transportar a Espanha carregado de ferros. Ele aparece aqui naquele estado de abatimento e a perfídia o conduz.» - MACHADO, Cirilo Volkmar, "Aditamento", in BELLORI, João Pedro (1815) *AS HONRAS DA PINTURA, ESCULPTURA E ARCHITECTURA*, pág. 117. Neste trabalho colaborou o pintor Bernardo António de Oliveira Goes, que desde 1796 fora nomeado ajudante de Cirilo.

As paredes estavam decoradas com quadros que representavam as façanhas dos Castros, Albuquerque, Almeidas e Mascarenhas, que foram levadas por D. João VI para o Brasil. Atualmente estão nesta sala os retratos de D. João V, D. José, atribuído a Quillard, e o Marquês de Pombal.

Passando à **Sala dos Destinos** encontramos outro teto pintado por Cirilo Volkmar Machado, o "Templo do Destino" onde se destaca a figura da Providência que entrega a D. Afonso Henriques o "Livro dos Destinos da Pátria". Em redor estão representados, para além de Hugo C, apeto rei de França, e do Conde D. Henrique, todos os reis até D. João VI.

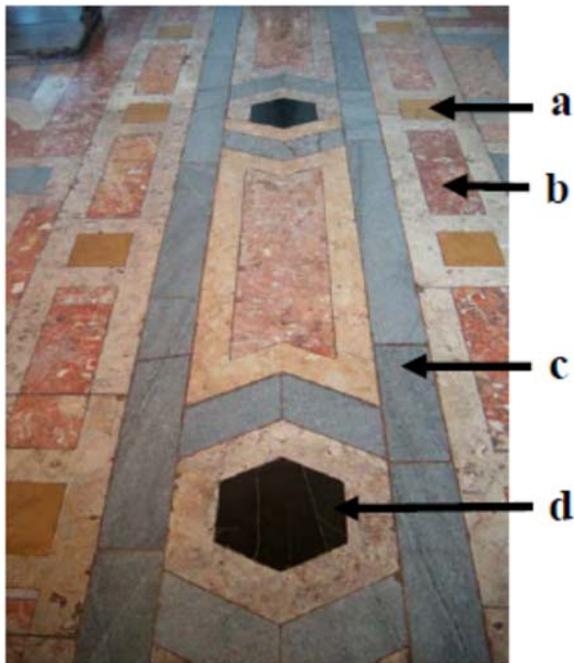
Na **Sala da Guarda**, situada à entrada do palácio e local de permanência da Guarda Real quando a família real estava em Mafra, temos outro teto pintado por Cirilo Volkmar Machado, o "Precipício de Faetonte", personagem mitológica que, tendo conseguido de seu pai Hélios, o carro com que este iluminava o mundo, perdendo o domínio dos cavalos, pôs em perigo a Terra e o Céu. Zeus, guardião da ordem do Universo, fulminou-o com o seu raio, lançando-o no rio Erídano.

Na **Sala D. João V** encontramos uma galeria de retratos de D. João V e sua mulher, D. Maria Ana de Áustria, seus filhos, a princesa D. Maria Bárbara, cujo nascimento esteve na origem do monumento, e o príncipe D. José, futuro D. José I e D. Mariana Vitória de Bourbon, sua mulher. Nesta sala temos ainda o retrato de João Frederico Ludovice, responsável pela Real Obra de Mafra, Manuel Azevedo Fortes, engenheiro-mor do Reino, e o Marquês de Pombal.

Atravessamos agora a enorme galeria que dá acesso ao torreão sul, a chamada **Sala da Bênção**.

Nesta sala podem-se observar motivos geométricos realizados com vários tipos de rochas da região, representantes de idades e contextos geológicos distintos.

Através da estratigrafia foi possível inferir que do Jurássico ao início do Cretácico, nesta região, o ambiente passou progressivamente de estuarino de transição para marinho recifal. Todas as litologias utilizadas na construção do Palácio/Convento de Mafra (à exceção do «calcário fétido» de S. Pedro), são exemplos de rochas sedimentares. O calcário de S. Pedro é um mármore (rocha metamórfica). Esta rocha originou-se devido à ação de elevadas temperaturas das rochas magmáticas sobre o calcário encaixante quando se instalou o Maciço de Sintra. Desta forma, as rochas existentes na região de Sintra-Mafra refletem duas fases importantes e distintas da História Geológica da região. Por um lado, testemunham vários episódios sedimentares em que se formaram espessos depósitos calcários, muitas vezes intercalados com níveis margosos ou até areníticos (Jurássico – Cretácico, entre 160 a 90 Ma atrás). Por outro lado, são evidências dos fenómenos magmáticos e vulcânicos que se deram na região por volta dos 100 e 70-80 Ma e que levaram à formação de Filões basálticos ainda hoje observáveis na região de Mafra, e à instalação do Maciço de Sintra, que se encaixou entre formações do Jurássico Superior.



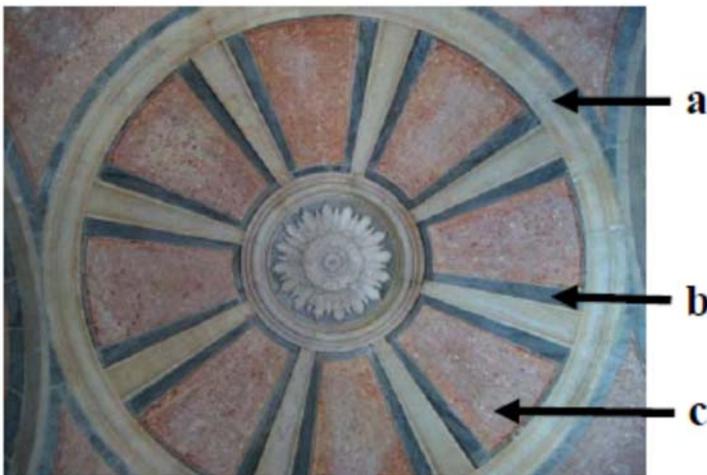
Sala da Bênção - pormenor do chão

a – Amarelo de Negrais

b – Liós abancado

c – Azul de Sintra.

d – Calcário de Mem Martins



Sala da Bênção – pormenor do teto.

a– Liós

b – Azul de Sintra

c – Liós Abancado

### Varanda da Sala da Bênção

Pode observar-se uma laje de grandes dimensões de Liós com Rudistas (Caprinídeos) com marcas de corrosão química (carsificação) pela água das chuvas levemente acidulada pela dissolução de dióxido de carbono atmosférico incrementado pelos efeitos de poluição provocada pelos gases libertados pelos automóveis.

A maior pedra do Monumento – a base da varanda de onde o Rei abençoava o povo – mede 7,04 m por 2,42 m – levou oito dias a ser transportada, de Pêro Pinheiro a Mafra, puxada por 200 juntas de bois e 20 carros de apetrechos e mantimentos para a gente que a acompanhava.

Uma vez no local, as pedras subiam facilmente para o seu lugar com o auxílio de guindastes, inventados por Custódio Vieira.

Daqui passamos à **Sala dos Reis** onde podemos observar uma galeria de retratos dos séculos XIX e XX, nomeadamente D. João VI, D. Maria II, D. Fernando, D. Pedro V e sua mulher, D. Estefânia, D. Luís I e sua mulher, D. Maria Pia de Sabóia, D. Carlos e D. Manuel II.

De seguida temos a **Sala das Invasões Francesas** onde um conjunto de quadros evoca as principais batalhas das Guerras Peninsulares (1807-1814).

Continuando, passamos pela **Sala dos Camaristas**, onde permaneciam os camaristas quando a família real estava em Mafra. No teto desta sala, Cirilo Volkmar Machado pintou as "Quinas de Portugal", rodeadas por diversos deuses gregos e pela "Fecundidade", que tem em cada mão cornucópias da abundância, das quais saem crianças sustentando grinaldas de flores. É uma invocação à fecundidade da rainha D. Carlota Joaquina, que teve nove filhos.

Dirigimo-nos agora ao Quarto da Rainha e, pelo caminho aproveitamos para apreciar a "**Sagrada Família**" pintada a óleo, por *Agostino Masucci (1691 - 1768)*, em 1729. Esta tela, encomendada para a Capela da Sagrada Família da Basílica de Mafra, foi do especial agrado de D. João V que, segundo fontes da época, não se cansava de a admirar. Representa a família de Jesus Cristo. Ao centro, a Virgem segura o Menino de pé sobre os seus joelhos e a figura barbada de S. José por detrás de Jesus. S. João Baptista, representado como criança, em pé entre seu pai, Zacarias e sua mãe Isabel, segura uma cruz na mão esquerda e com a direita a ponta de uma faixa que sai da mão esquerda de Jesus. Por detrás de Santa Isabel, surge a cabeça de um homem, identificado como um autorretrato do autor. Do lado direito da Virgem e ligeiramente atrás sua mãe, Santa Ana e, entre esta e S. Joaquim, seu pai, ajoelhado em primeiro plano de costas, encontra-se S. João Evangelista, o discípulo preferido de Jesus. Na parte superior do quadro, Deus Pai, rodeado por dois anjos e quatro querubins, e a pomba do Espírito Santo.

O **Quarto da Rainha** foi decorado por ocasião da subida ao trono de D. Pedro V e do seu casamento com D. Estefânia. Deste passamos ao **Quarto de Vestir**, onde podemos observar a reconstituição da decoração feita na mesma ocasião. Daqui seguimos para o **Oratório da Rainha**, onde Cirilo Volkmar Machado pintou o teto, representando São João Batista, São Carlos Borromeu e Santo António, prostrados diante da Santíssima Trindade pedindo descendência para o trono.

Passamos à **Sala de Nápoles**, ou Sala do Reposteiro, onde permanecia o criado que tinha como função abrir o reposteiro e anunciar os visitantes. A **Sala de Espera**, decorada na campanha de obras do início do reinado de D. Pedro V, reflete o gosto romântico do século XIX; aqui esperavam os convidados antes de serem anunciados pelo reposteiro para serem recebidos pela Família Real na Sala da Música.

A **Sala Amarela**, ou Sala das Receções, passou a ser utilizada para receber os convidados da Família Real, quando a sala do trono deixou de ser usada e D. Pedro aboliu o beija-mão real nas datas festivas. Daqui passamos à **Sala de Jogos** e à **Sala de Caça**, decorada e com mobiliário feito com hastes de veados, à **Sala de Jantar**, sala de refeições da Família Real no século XIX, com mobília feita na Penitenciária de Lisboa e oferecida ao rei D. Carlos.

# BIBLIOTECA

Por fim, atravessando a antecâmara, chegamos à **Biblioteca**. Situada na ala nascente do Monumento, a Livraria ocupa a mais nobre e vasta de todas as salas do edifício, com cerca de 85 m de comprimento e 9.5 m de largura, formando uma cruz. Ao centro ergue-se uma abóbada apoiada sobre quatro arcos, fechada sobre urna pedra-mármore onde se vê esculpido um rosto humano representando o sol.

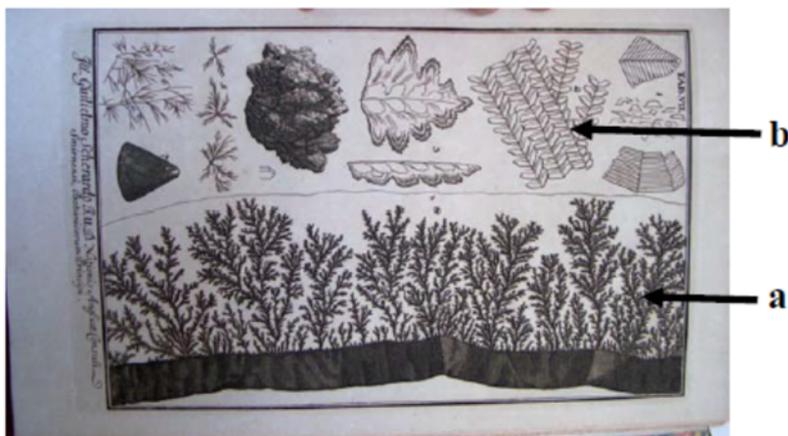
Foi uma encomenda dos Cónegos Regrantes de St. Agostinho, que em 1771, por determinação do Marquês de Pombal, vêm substituir os Franciscanos em Mafra, pelo espaço de 25 anos, ao arquiteto Manuel Caetano de Sousa.

As estantes são em madeira do Brasil entalhada ao estilo Rocaille.

Possui um valioso acervo de cerca de 36.000 volumes, preciosamente conservados graças à ação da Ordem Franciscana, que fundou no próprio Convento uma oficina de encadernação, ainda hoje confirmada pela inscrição da palavra Mafra na lombada das obras.

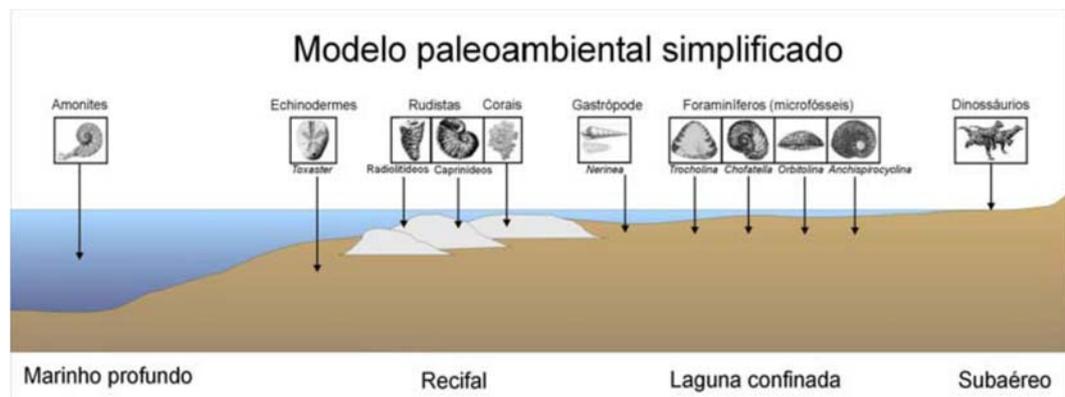
Abrange áreas de estudo tão diversas como medicina, farmácia, história, geografia e viagens, filosofia e teologia, direito canónico e direito civil, matemática, história natural, sermonária ou literatura. Ou seja, todas as áreas importantes do saber iluminista.

De entre os volumes dedicados ao saber «profano» científico, podem ser observadas figuras de uma imensidade de organismos. Na biblioteca podemos observar a representação de um exemplar de dendrite. As dendrites são estruturas que, durante muito tempo, foram consideradas fósseis de vegetais, nomeadamente no Sistema de Classificação de Aristóteles. No entanto, sabe-se hoje que as dendrites são acumulações de óxidos de manganés, de cor negra, em pequenas fissuras de rochas, que ocorrem quando estas são percoladas por fluidos ricos nestas substâncias. Assim, apesar de aparecerem associadas a fósseis de vegetais, são na realidade pseudofósseis (estrutura produzida por processos físico-químicos e com uma morfologia que aparenta ter origem orgânica).



Página de um dos livros da biblioteca do Palácio de Mafra. Ilustração de dendrites (a), na altura consideradas e ilustradas como outros fósseis de vegetais tais como pínulas de fetos fósseis (b).

Tal como as páginas de um livro, a sequência de camadas permite ao geólogo ler a história geológica de uma região. A figura seguinte pretende representar um diagrama sintético dos paleoambientes existentes na área do atual território português no topo do andar Cenomaniano (91 – 92 Ma), altura em que se verificou um máximo transgressivo e em que os Rudistas foram particularmente abundantes.



De destacar, por exemplo, algumas obras raras como a coleção de incunábulo (obras impressas até 1500), de que fazem parte exemplares como as "Orationes" de Cícero (1472), "Opera Omnia" de Homero (Florença, 1488) ou a famosa "Crónica de Nuremberga" (Nuremberga, 1493), bem como uma coleção de Bíblias e a primeira Enciclopédia (conhecida como a Enciclopédia Diderot). A coleção de manuscritos da Biblioteca é relativamente pequena em confronto com a das obras impressas, merecendo especial atenção os Livros de Horas iluminados, do séc. XV,

De destacar ainda uma importante coleção de partituras musicais de autores portugueses e estrangeiros, como Marcos Portugal, J. de Sousa, J.J. Baldi entre outros, algumas escritas expressamente para os 6 órgãos da Basílica, conjunto único no mundo.

# CURIOSIDADES

## PEQUENAS HISTÓRIAS QUE FAZEM HISTÓRIA

As indecisões do rei quanto às dimensões do monumento provocaram sucessivas alterações do projeto. Assim o número de frades que deveriam habitar o Mosteiro passou, sucessivamente, de 13 para 40, depois para 80 e, por fim, com as obras já avançadas, para 300, obrigando a refazer toda a planta.

Estas indecisões criam grandes problemas aos arquitetos e construtores, embaraços nas obras e enormes despesas.

Destas alterações sucessivas, ficam-nos um Mosteiro para 300 frades com uma Basílica concebida para as necessidades diárias de culto de 80 religiosos

Por último, o Rei decidiu que para além do Mosteiro e da Basílica o monumento deveria conter também instalações para a família real, o natriarcado e a corte

D. João V encomendou, em Antuérpia, um conjunto de carrilhões, com 93 sinos, destinado ao Monumento de Mafra. Face ao alto valor do carrilhão, o produtor decidiu avistar-se com o nosso embaixador para que o Rei cancelasse a encomenda, dado que, possivelmente, não a poderia pagar.

Segundo a tradição, o Marquês de Abrantes terá informado o Rei do preço de um carrilhão – 400 réis em ouro – ao que este respondeu:

-"Não supunha que fosse tão barato, quero dois!"

Construiu-se assim o único monumento que possui dois carrilhões.

Durante uma caçada, D. José I foi atingido acidentalmente por um tiro disparado por sua mulher, a rainha D. Mariana Vitória, ficando ferido num braço.

Acontece que a rainha era uma excelente atiradora e o rei famoso pelas suas infidelidades.

### *O EMPAREDADO*

Numa certa noite de 1759, o Almojarife do Paço Real dirigiu-se a Mafra com dois operários de sua confiança (habitados já a trabalhar no Convento) depois de prestarem juramento que nada divulgariam do que iriam ver e fazer.

Ao carpinteiro foi dada a incumbência de executar um caixão com as dimensões indispensáveis para recolher um corpo humano.

Ao pedreiro coube o trabalho de abrir, numa das paredes do corredor das aulas, a cavidade necessária para receber na posição vertical o tosco caixão.

Já noite avançada, alguém abriu as portas do Convento para dar passagem a uma caleça. Do interior desta, saíram dois homens mascarados, transportando um comprido saco, dentro do qual se encontrava "gemendo aflitivamente" um ser humano.

O saco foi colocado no caixão, o carpinteiro fechou-o e colocou-o na parede, ficando o ser humano emparedado.

Anos depois, já morto o Marquês de Pombal, o pedreiro sentiu chegar os seus últimos momentos e pediu a um padre para que fossem ouvidas as suas declarações.

Por intermédio da confissão, que foi pública, se tomou conhecimento do que se passara no Convento de Mafra.

Os religiosos franciscanos retiraram o esqueleto da parede (que se julga ser duma mulher) e enterraram-no no cemitério dos frades

D. Pedro V, no ano de 1856, fundou aqui uma escola de ensino primário onde «tudo era devidamente assente e para tudo se preparavam» (Guilherme Assunção) primorosa no asseio, distribuição, relações, mapas, registos, resumos, etc.

A escola fornecia aos estudantes tudo o que lhes era necessário para a sua aprendizagem, pelo que não lhes faltava papel, tinta, lápis, aparos, livros, etc.

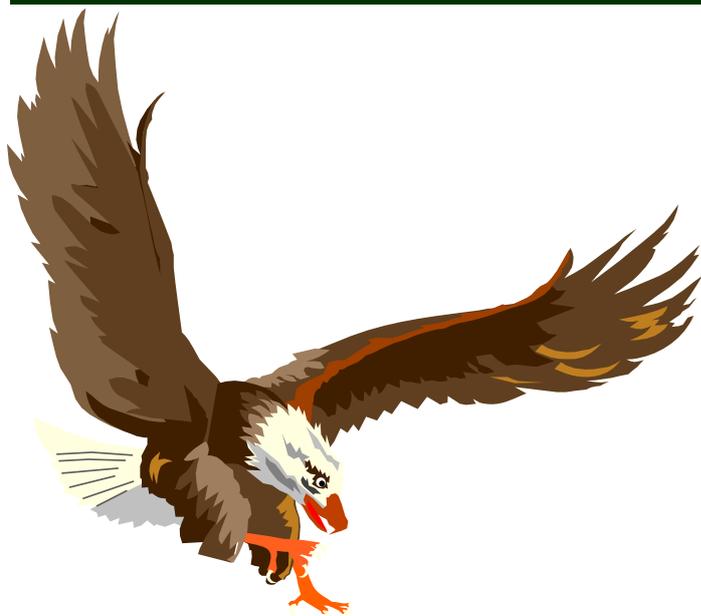
As aulas, de 1 de Outubro a fins de Fevereiro, ocupavam os alunos 6 horas por dia e, a partir de 1 de Março até 31 de Agosto, aquele número aumentava para 7.

O ensino constava de: Leitura, Caligrafia, Doutrina Cristã, Gramática, Aritmética, História de Portugal, Moral, Civilidade, História Sagrada, Geografia, Desenho Linear, Princípios

# TAPADA REAL

Na sequência das obras de construção do Convento de Mafra, foi decidido construir um parque adjacente ao Convento que lhe servisse de logradouro, para o fornecimento de lenhas e outros produtos e, ao mesmo tempo, de local de lazer.

Dessa forma, por ordem de D. João V, é criada a Tapada Real de Mafra, cujos terrenos foram, nos anos de 1744 – 1748, adquiridos por compra e, nalguns casos por expropriação forçada, tendo desde logo sido adjudicada a empreitada de construção do muro que a circunda em toda a extensão e cujo comprimento total é de 21 Km.



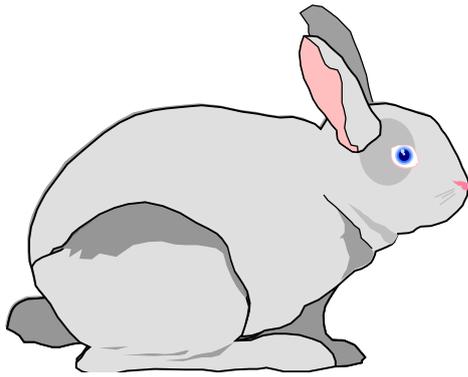
A criação da Tapada Real de Mafra deu origem a várias lendas, entre as quais se pode referir a história da Velha da Chanquinha.

Diz-nos esta lenda que havia uma velha que vivia no meio da tapada, num local a que hoje se chama “Currais da Chanquinha”.

O Rei, com o objectivo de a convencer a sair dali, ofereceu-lhe um barrete cheio de moedas de ouro. Por sua vez a velha, como gostava muito das suas terras, ter-lhe-á oferecido dois barretes cheios de moedas de ouro para de lá não sair.

Porém, ainda segundo a lenda, a velha lá foi obrigada a abandonar aquele local, tendo ido viver fora da Tapada para uma povoação que, devido à sua teimosia, ainda hoje é chamada A-da-Perra (Lugar da Teimosa).





Aquando da sua constituição, a Tapada Real ficou com uma área aproximada de 1.179 hectares.

Desde o século XVIII até à implantação da República, a Tapada Real de Mafra foi local privilegiado de lazer e de caça dos monarcas portugueses que aí encontravam condições ideais para a caça ao veado, gamo, javali e caça menor, nomeadamente coelho, perdiz, lebre e galinhola.

Há notícia que, em 1751, se realizou uma caçada real durante três dias em que foram mortos 6 veados, 35 gamos, 5 javalis e muita caça menor, ao tempo bastante abundante.

Aquando das Invasões Francesas, foram construídos na Tapada Real de Mafra, dois fortes integrantes da 2ª Linha de Torres, o do Sunível e o da Milhariça, cujos vestígios ainda hoje se podem observar.

Em 1840, por iniciativa de D. Fernando, é instalada a Real Coudelaria de Mafra para os poldros das reais manadas de Alter do Chão aí completarem a sua criação. Esta Escola manteve-se na Tapada até à sua extinção em 23 de Setembro de 1859.

Em 1848 é criado o Real Colégio Militar em Mafra, dando-se início à influência dos militares na Tapada, reforçada em 1887 com a criação da Escola Prática de Cavalaria e Infantaria.

Nos reinados de D. Luís e D. Carlos, a Tapada Real de Mafra conheceu o período áureo como Parque de Caça, tendo-se procedido ao seu repovoamento e rearborização e construído um Pavilhão de Caça no Vale de Celebredo, ainda em bom estado de conservação.



## BIBLIOGRAFIA:

- GAMA**, Luís Filipe Marques da (1992) **Palácio Nacional de Mafra - Roteiro**, Mafra, Instituto Português do Património Cultural
- MARQUES**, Gentil (1997) **Lendas de Portugal**, Lisboa, Círculo de Leitores, Volume IV, pp. 67-71
- PIMENTEL**, António Filipe (1992) **Arquitectura e Poder – O Real edifício de Mafra**, Coimbra, Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra
- SÁ**, Ana Moreira, **Tapada Nacional de Mafra**, Mafra, policopiado
- SAUSSURE**, César de (1983) «**Cartas escritas de Lisboa no ano de 1730**», in Castelo Branco Chaves, **O Portugal de D. João V visto por três forasteiros**, Lisboa
- SERRÃO**, Joel [dir. de] (1978), **Dicionário de História de Portugal**, Porto, Figueirinhas
- Serviços Educativos do Palácio Nacional de Mafra**, **Roteiro do Palácio, Convento e Basílica de Mafra**, Mafra, policopiado

## FICHA DE ORIENTAÇÃO E EXPLORAÇÃO DA VISITA DE ESTUDO

Chegados ao fim da visita vamos tentar extrair alguns dos elementos fundamentais que caracterizaram a monumento que visitámos.

Podemos, deste modo, compreender os objetivos da construção deste tipo de monumento e a sua função na sociedade portuguesa do século XVIII português.

1. Explique os motivos da construção do Palácio-Convento de Mafra.
2. Observe o exterior do Monumento
  - 2.1. Escolha 3 adjetivos que, na sua opinião, o classifiquem.
  - 2.2. Justifique a adjetivação que fez.
3. Identifique os diferentes tipos de rochas utilizados na construção do Convento-Palácio de Mafra e a região de onde provêm.
4. Integre as salas do Convento que visitou nas funções do Clero no Antigo Regime.
5. Identifique os temas utilizados na decoração da Sala dos Destinos e da Sala das Descobertas.
6. Identifique as personagens históricas exaltadas em cada uma destas salas.
7. Refira as principais características do Estilo Barroco. Exemplifique com elementos observados.
8. Explique como é que este monumento faz a exaltação do poder do Rei. Exemplifique com elementos observados.
9. Explique de que forma a observação das rochas que serviram de base à construção do Convento-Palácio de Mafra nos permite retirar informações sobre o paleoambiente da região.
10. Estabeleça uma relação entre o tipo de rochas utilizado na construção do Convento-Palácio de Mafra e a história geológica da região. Para responder a esta questão deve ter em conta o mapa geológico que lhe foi entregue na Sala da Bênção.